

Lília Dias Marianno

RELACIONAMENTOS *COMPLICADOS* **DA BÍBLIA**

conflitos de gênero
em famílias



Lília Dias Marianno

RELACIONAMENTOS
COMPLICADOS
DA BÍBLIA

*Conflitos de gênero
em famílias*

2ª edição



PLURALIDADES

São Paulo, 2021.

Copyright © Editora Recriar, 2021.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Direção Geral:

Iago Freitas Gonçalves

Equipe editorial:

Darli Alves de Souza

Iago Freitas Gonçalves

Priscila Gonçalves

Diagramação:

Nathália Schneider

Capa:

Veecetezy

Conselho Editorial:

Dr. Claiton Pommerening (REFIDIM-SC)

Dra. Cleusa Caldeira (FAJE-MG)

Dr. Fernando Albano (REFIDIM-SC)

Dr. Kenner Terra (UNIDA-ES)

Dra. Marina Correa (UMESP)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M333r Marianno, Lília Dias.

Relacionamentos complicados da Bíblia: conflitos de gênero em famílias. / Lília Dias Marianno - 2. ed-. São Paulo: Pluralidades, 2021.

170 p.

ISBN 978-65-89465-08-9

- | | |
|------------------------|-------------------------------|
| 1. Devocional | 2. Relacionamentos familiares |
| 3. Conflitos de gênero | |

I. Título

CDD: 240

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DA AUTORA 5

PREFÁCIO À 2ª EDIÇÃO 7

**Como usar estes estudos em
rodas de conversa 12**

CAPÍTULO 1 16

Entre prepotência e dependência

CAPÍTULO 2 26

Sobre alianças, lealdades e violações

CAPÍTULO 3 37

Família ignorada em nome de Deus

CAPÍTULO 4 47

Unões ou cadeias?

CAPÍTULO 5 60

Protegendo os vulneráveis

CAPÍTULO 6 68

Relações de autoridade e disputas de poder

CAPÍTULO 7 77

Inteligência espiritual na crise

CAPÍTULO 8	89
Procrastinação e julgamentos	
CAPÍTULO 9	100
Fama, assédio e perdão	
CAPÍTULO 10	110
Dividida entre três amores	
CAPÍTULO 11	123
Apegados ao projeto errado	
CAPÍTULO 12	134
Não compreendendo como Deus age	
CAPÍTULO 13	143
No deserto eu te amei	
EPÍLOGO	160
Uma entrevista com Sara e Abraão	
APÊNDICE	166
BIBLIOGRAFIA	167

APRESENTAÇÃO DA AUTORA

Olá! Sou Lília Dias Marianno, mulher, cisgênero, educadora, empreendedora, divorciada, mãe de dois filhos homens e teóloga biblista. Possuo doutorado em Epistemologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, Mestrado em Teologia Bíblica pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, Bacharelado em Administração e Formação Profissional em Mediação de Conflitos e Gestão do Conhecimento. Desenvolvo a Afaga Gestão da Pluralidade, consultoria para mediação de conflitos sobre diversidade de gênero nas famílias e organizações. A Afaga é braço organizacional exclusivamente dedicado à inclusão da Eagle Gestão do Conhecimento, empresa que fundei em 2011 e que oferece uma educação “fora da caixa”, o que muito me orgulha. Sou professora de teologia bíblica, línguas bíblicas, exegese, estudos de gênero, missiologia e história do pensamento cristão por mais de quinze anos em faculdades teológicas e continuo dedicada a isto pela educação à distância da Eagle Gestão do Conhecimento.

Nos últimos dez anos lecionei as disciplinas de gestão de pessoas e psicologia organizacional em cursos de administração, recursos humanos e engenharia de produção em universidades públicas e privadas, incluindo a Universidade Federal do Rio de Janeiro à qual dediquei os últimos sete anos. Também dediquei quase três décadas de serviços prestados à diferentes organizações da convenção batista brasileira, em cargos de assessoria executiva incluindo a coordenação da educação religiosa da CBB por dois anos.

Desde 2015 atuo na Comissão de Justiça Econômica, Racial e de Gênero da Aliança Batista Mundial. Sou membro da Sociedade Brasileira de Gestão do Conhecimento (SBGC), da Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica (ABIB), do International Process Network (IPN), do Process Nexus e sou pesquisadora associada do Center for Process Studies nos Estados Unidos. No Brasil sou líder de grupo de pesquisa sobre Pensamento Processual e Estudos Whiteheadianos na América Latina (CNPQ).

Outros livros de minha autoria são *Ética Cristã: a vida cristã e o mundo* (2005), *Teologia da Oração e Intercessão: desenvolvendo a comunhão com Deus* (2005), *150 maneiras de paparicar seu marido* (2010), *150 maneiras de paparicar sua esposa* (2010), *Relacionamentos complicados da Bíblia* (2015), *Como incenso suave: espiritualidade e vida de oração* (2017) além de ter sido editora dos anais do III e V Congressos Brasileiros de Pesquisa Bíblica intitulados: *Jesus e as Tradições do Antigo Israel* (2012) e *Bíblia, Violência e Direitos Humanos* (2013).

Meu engajamento com os estudos de gênero se deu pelo meu envolvimento acadêmico com a pesquisa, mas principalmente pelo desafio de ser a provedora de uma família monoparental. Especializei-me em interseccionalidades (gênero – raça – migração) e nos estudos de gênero transito com estudos feministas, de masculinidade e de diversidade. Acredito na família, acredito na organicidade da Igreja de Cristo. Lamento profundamente que nestes tempos temos vivido de forma que os valores éticos que nossa tradição nos ensinou estejam se dissipando como areia no vento. Este livro é uma tentativa de recuperar aspectos desta ética que não podem ser perdidos apesar dos nossos dias.

PREFÁCIO À 2ª EDIÇÃO

Personagens “secundários”, desempenhos “inferiores”, pessoas na obscuridade da narrativa bíblica esses personagens não são considerados protagonistas dignos de serem abordados nas homilias e estudos bíblicos. Foram estes os que escolhemos aqui.

O lado “estranho” da narrativa bíblica. E em vez do enaltecimento à Débora, escolhemos estudar os receios de Barak. Não atentando para as glórias de um general (Sísera), prestamos atenção à mulher (Jael) que violentamente assassinou seu abusador. Ao invés da louvação ao juiz libertador de Israel (Jefté), atentaremos para as desgraças que um líder ambicioso e repleto de rancores mal resolvidos impõe sobre o futuro de sua filha. Não escolhemos atentar para a atitude redentora de Boaz, mas para a astúcia de uma sogra que planejou detalhadamente o futuro de sua descendência, com procedimentos “morais” significativamente questionáveis. Na família de Moisés, Miriã, Arão, Zípora e Gerson, escolhemos os conflitos étnico-raciais e também com a figura de autoridade religiosa encontrando as responsabilidades pessoais sobre o que acontece na espiritualidade em família. Sobre Judá e Tamar escolhemos falar da procrastinação e da facilidade dos julgamentos precipitados que nos fazem cair em nossas próprias palavras. No drama de José, percebemos a dimensão do assédio e os conflitos sobre perdão enfrentados pelo ser humano, que longe estava de ser um herói, mas alguém com uma intensa ferida emocional difícil de cicatrizar. Ao falarmos de Rebeca e de Idit (a mulher de Ló) olhamos para a vulnerabilidade das mães que ficam divididas entre seus amores: seus maridos, filhos e filhas. Elas nos ensinam a desapegar, a perder, a deixar ir. Por fim, na família de Sara, Abraão, Agar, Isaque e Ismael saímos no lugar comum. Abraão deixa de ser o herói que olhamos de

maneira apaixonada para enxergarmos seu lado algoz, o de um genitor irresponsável e inconsequente com o futuro da mulher e do filho que um dia lhes foram tão importantes. Agar e Ismael recebem vozes, bem faladas, nos monólogos finais desta obra. Eles são insights para a reflexão mais profunda por meio da dramaturgia usada nos bibliodramas e instigam nossa visão sobre ética relacional aplicada à família, principalmente as famílias que expulsam, banem e cancelam seus próprios membros.

Estes estudos os enxergam não como heróis com poderes sobrenaturais, mas sim como seres humanos, gente que erra e gente que acerta, assim como eu e você. Se você acredita que os relatos bíblicos retratam histórias humanas concretas, então deve considerar que, mesmo que as Escrituras não tenham registrado, essa gente tinha nome, tinha ocupação, tinha sexualidade, era controlada por relações de poder que mudavam o modo como se relacionavam com seus corpos. Estes são critérios para análise dentro nos estudos de gênero: relações de poder, de classe, de sexo, de idade e de etnicidade. Estes personagens viveram intensos conflitos familiares e é para o conflito e para as emoções e sentimentos vivenciados nestes conflitos que queremos dirigir nossa atenção. Somos pessoas diferentes, de diferentes gêneros, etnias e setores sociais. A condição de oprimido/a não é apenas econômica. Há prisões emocionais, físicas, e até mesmo a riqueza pode ser opressora para o rico. Todos nós podemos ser opressores ou oprimidos, conforme cada situação.

A escolha por este lado ignorado da história tem a ver com uma das mentorias mais extraordinárias que já recebi na vida, a do prof. Dr. Milton Schwantes. Durante meu mestrado na Universidade Metodista de São Paulo, o prof. Milton desempenhava, brilhantemente, seus últimos anos de carreira. Numa destas viagens das conferências da Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana (RIBLA) coincidentemente estávamos

no mesmo voo de volta ao Brasil e como sabemos o acesso das pessoas com necessidades especiais é privilegiado, e elas podem embarcar primeiro junto com seus acompanhantes. Quando a comissária veio busca-lo com a cadeira de rodas, ele falou à comissária a meu respeito: “Ela está comigo”. A comissária orientou-me que eu deveria embarcar juntamente com ele. Eu fiquei constrangida, sentindo-me uma abusadora da acessibilidade privilegiada dedicada aos deficientes. Meu professor que enxergava para além da vista, percebeu que fiquei desconcertada e me disse: “depois que os meus problemas de saúde me deixaram com a visão limitada, eu aprendi uma coisa: o pior excluído é aquele que não quer se incluir.” Uau! Que aula numa simples frase! Esse era o prof. Schwantes.

Nunca esqueci esta fala. Ela me ensinou duas coisas: 1) nem sempre ver mais significa perceber mais, ou compreender mais; 2) às vezes as maiores lições a serem aprendidas não são aquelas de superfície, de leitura óbvia, que compreendemos sem qualquer esforço, mas sim aquelas que descem às profundezas dos escritos, que são buscadas nas entrelinhas do texto, escavadas como uma preciosidade arqueológica. As riquezas nas entrelinhas, como dizemos na exegese, estão diante de nós clamando para serem descobertas. Procurar pelo sentido mais profundo num texto faz parte desta dinâmica.

Uma versão bem sumária destes estudos foram um trimestre para Escola Bíblica no ano de 2008. Os editores nos davam um número máximo de caracteres com espaços e tínhamos que fazer o conteúdo caber dentro das poucas páginas de uma lição dominical. Com isto muitas das experiências pessoais que nutrem os questionamentos que estimulamos os leitores e leitoras a fazerem, não tiveram espaço para serem publicadas. No ano de 2015 a necessidade específica de uma organização de homens me levou a organizar o conteúdo mais extenso que tomou a forma deste livro.

O objetivo era suprir as famílias de reflexões bíblicas sobre as famílias focadas nos conflitos familiares. E aqui vocês verão que não confinamos a famílias heteronormativas, há vários modelos de família representados nos personagens bíblicos. Portanto é um livro útil para qualquer tipo de família, das mais tradicionais às mais modernas. Como mulher divorciada, sendo pai e mãe dos filhos pré-adolescentes até voarem do ninho, estive no “olho do furacão” de preencher demandas emocionais dos meus filhos que muitas das vezes não consegui suprir.

O que está em foco aqui é: como os membros de família se comportam em relação aos seus próprios interesses quando o que está em jogo é o futuro dos outros membros da família? Por isto estes capítulos são úteis a qualquer modelo de família. Também não estão focadas nos “casais” uma vez que diversas famílias são lideradas por tios, avós, que criam diversos dos sobrinhos ou netos sem que a referência das crianças seja o casal da parentalidade biológica sem contar as novas configurações familiares homoafetivas que produzem lares onde uma criança possui dois pais ou duas mães. É um livro que sai também das minhas vísceras, dos próprios conflitos que enfrentei e dos questionamentos que o texto bíblico profundamente me fazia enquanto provedora da minha família.

Como proponho caminhos de autoconhecimento a proposta é de ética relacional: o que consigo transformar em mim, para solucionar os conflitos daqueles que são extensão de mim? O que está ao meu alcance fazer para que a harmonia se estabeleça? Como posso causar uma falência do conflito ao instaurar serenidade nos processos?

Ainda há muito para ser amadurecido e ruminado a partir das provocações que estes textos nos fazem. Tenho consciência que o esforço ficou apenas nos primeiros passos, outras famí-

lias bíblicas estão no nosso horizonte para serem trabalhadas dentro da mesma perspectiva em volumes futuros. Importa que nestes tempos de globalização e de diálogo, tenhamos a capacidade de restaurar nossa condição comunicacional. Todo esforço é bem-vindo neste sentido, o meu, como quem escreve, e o seu, como quem lê e como protagonista nos seus relacionamentos. Que aprendamos neste exercício, a construir novas bases de afeto para os relacionamentos com as pessoas que mais amamos.

Lília Dias Marianno

São Paulo, julho de 2021.

Como usar estes estudos em rodas de conversa

Este livro foi escrito com dupla função. A de ser uma leitura de autorreflexão para os líderes da família e a de ser um roteiro para estudos comunitários. Apesar de vivermos em tempos pós-modernos, o ser humano vem, por milhares de anos, experimentando os mesmos conflitos em suas relações. Os redatores bíblicos originais permitiram que estes dilemas relacionais ficassem registrados nas Escrituras. Os jogos de interesse, as ambições pessoais, os intentos egoístas e a falta de alteridade já causavam estragos nos relacionamentos há milhares de anos.

Algumas categorias de aproximação ao texto perpassam estes estudos, elas orientaram a pesquisa que fizemos para produzir este conteúdo. A primeira delas é a **categoria de gênero**. Os estudos de gênero possuem alguns pilares de sustentação, um deles será bastante enfatizado: as **relações de poder** entre homens e mulheres. Outro pilar dos estudos de gênero é a **corporeidade**, isto é, como o corpo funciona orientando nossas relações e nossas ações. O terceiro pilar dos estudos de gênero é a **sexualidade**. Portanto, a categoria gênero foi o ponto de partida para a análise dos conflitos.

O método exegetico escolhido é o histórico-social, pois busca o sentido do texto para a primeira comunidade de seus leitores e leitoras. Saímos do formato tradicional de exegese bíblica baseada no método histórico gramatical e das interpretações mais “literais” do texto bíblico. Ao procurar por disputas de poder nos relacionamentos, invadi “a privacidade” das famílias bíblicas e acabei entrando na privacidade da sua vida familiar, e aqui te peço

licença para sentar-me no sofá da sua sala e conversar contigo sobre estas questões, até porque estes estudos também brotaram nas conversas ao redor da Bíblia que eu tinha com meus filhos.

As famílias escolhidas foram dos períodos dos patriarcas e do tribalismo, mas mesmo neste período, muitas famílias ficaram de fora, mas só por enquanto. Optei por uma disposição dos capítulos que nos parece invertida, não segui a cronologia bíblica, mas a cronologia do texto, isto significa que as narrativas não foram escolhidas na mesma sequência que escolhidas na história, mas som com base na data em que os textos foram escritos e sobre cada texto usei a diacronia como critério analítico.

A segunda categoria de aproximação aos textos é a **Hermenêutica Processual**, uma derivação interpretativa da Filosofia Processual, que nunca coloca duas ideias distintas em oposição mas em posição de complementaridade. Faz com que ambas dialoguem e nesta convergência construam, de maneira criativa, uma ética relacional harmônica. De certa forma este método representa a forma como Jesus aplicava o ensinamento da Lei em seus dias: “ouviste o que foi dito” – esta é a leitura de superfície, que facilmente se resolve na interpretação literal. Mas quando Jesus dizia: “eu, porém, vos digo” ele explorava sentidos não muito óbvios e eticamente muito mais responsáveis que aqueles apresentados na interpretação literal. Ou seja, Jesus ensinou seus discípulos e seguidores a realizarem esta leitura de profundidade.

O livre-arbítrio humano tem movido a História, por isso cada escolha que fazemos afeta nosso presente, nosso futuro e faz a assemblagem, afetando, muitas vezes o presente e o futuro das pessoas que estão próximas a nós. E muitas vezes não vemos Deus intervindo. E por que não? Porque conceder livre-arbítrio implica em conceder responsabilidades pelas consequências

de cada escolha realizada. O texto bíblico nos interpela, todo o tempo, sobre as consequências das nossas escolhas, sobre a nossa responsabilidade pessoal em cada ação realizada. O ser humano, e a humanidade, enquanto espécie, não são marionetes nas mãos do Criador, temos poder de intervir, de fazer alterações e o texto bíblico ainda deixa pistas de que temos condições de modificar algumas decisões tomadas por Deus. Isso é extraordinário! Cada capítulo desta obra será um convite a refletir sobre o modo como usamos nossas responsabilidades para mudar a história no nosso entorno.

Todos os capítulos estão estruturados em cinco tópicos e trabalham com dois níveis de reflexão: um nível de superfície e outro de profundidade. Os tópicos são 1) O contexto do texto; 2. Os personagens do texto; 3. Os conflitos do texto; 4. A leitura de superfície; 5. A leitura de profundidade; 6. Questões para refletir, que apelidamos divertidamente de “no banquinho de pensar”. Já fui criticada por causa deste título, mas a ideia é a de nos enquadrarmos na condição de filhos e filhas, amados e amadas por Deus, que certas horas precisam de disciplina e correção amorosa. Em algumas ocasiões haverá um sétimo tópico, o *Addendum*. São recursos de Bibliodrama que desenvolvi para ajudar os facilitadores que pretendem usar este livro nos pequenos grupos. Eles podem ser dramatizados, ou minimamente serão inspiradores de uma leitura bíblica com uma ótica que nunca nos havia sido proposta antes. Este exercício trará nova luz à compreensão bíblica. O texto será renovado diante de nossos olhos.

A leitura de superfície relê o texto nos seus elementos mais evidentes. A leitura de profundidade traz à tona questões mais sérias da ética relacional na família, que também estão ali, mas pouca gente presta atenção. Todo o critério de pesquisa exegetica que amparou estes estudos foi histórico-social. Ele elucida muita coisa interessante. Não usei comentários bíblicos nas minhas re-

ferências bibliográficas. No meu entendimento os comentários bíblicos apenas acentuam a visão de um ou outro comentarista e muitas vezes se distanciam do que o texto está dizendo. A exegese histórico-social coloca as ciências a serviço da interpretação bíblica, são boas companheiras.

O Dr. Milton Schwantes sempre nos dizia: “o texto bíblico vale no formato em que ficou escrito”. Não adianta ficarmos obcecados com a forma, com a rima, com os personagens, com o momento da história no qual o texto surge se não aplicarmos a mensagem do texto nas nossas vidas. Ele também dizia sempre que “igreja e bíblia são duas coisas que não combinam”. Nada absurdo. Nos dias atuais vemos a instituição distanciando tanto de uma fé bíblica relevante que quando a gente decide entender e seguir o texto bíblico com muita frequência somos acusados de hereges e viramos um tormento para o “prédio” religioso.

Que estes estudos ajudem sua família a reencontrar o caminho das relações harmoniosas. Esta é a minha oração.

CAPÍTULO 1

Débora e Barac (Juízes 4 e 5)

Entre prepotência e dependência

Os relatos do Antigo Testamento sofreram influências de várias culturas, numa vasta região geográfica que ia do Antigo Egito à Mesopotâmia (atual Iraque). Estas culturas também foram mudando ao longo das eras, pois o AT registra eventos que se concentram nos dois mil anos antes de Cristo, mas são mais extensos que este período.

Os episódios de Jz 4 e 5 são um pouco difíceis de compreender. Mas uma análise de gênero, isto é, que atente para os diferentes papéis dos homens e mulheres deste episódio, pode nos ajudar a descobrir um “texto novo”. Afinal, que situação incomum este relato nos traz: a bênção de Deus na liderança de uma mulher sobre várias tribos do antigo Israel! Será que não havia um homem capaz de liderar esta batalha? Porque Barac preferiu recuar ao invés de avançar sem Débora? Vamos descobrir o que este texto desafiador pode nos ensinar.

1. O contexto do texto

Os relatos de Juízes 4 e 5 fazem parte das mais antigas histórias contadas no meio do povo de Israel. São eventos do período tribal, quando Israel não era mais nômade no deserto, mas ainda não era um estado estruturado pela monarquia. Era a virada da Idade do Bronze para a Idade do Ferro (1550 – 1000 AEC).